

bari. Um grande salão abre-se após um declive sob a entrada, e neste mesmo salão foi efetuada uma varredura fótica (medidas de intensidade de luz c/ fotômetro), nas zonas de luz e penumbra, correspondente a uma área varrida de 2.400 m<sup>2</sup>.

Seu desenvolvimento total é de 892 m.

A média de temperatura da água é de 19,6°C, do ar é de 21,4°C, e o pH da água é de 7,7.

A ressurgência é penetrável, o mesmo não acontecendo com o sumidouro, e distam um do outro 350 m em linha reta.

**Alambari de Cima** — À montante da gruta Alambari de Baixo situa-se a exurgência do rio Alambari. Alcança-se o interior da gruta Alambari de Cima por meio de uma fenda situada a 30 metros acima da exurgência que se abre no meio da mata. É um quebra-corpo, após o qual abre-se um abismo de 20 metros coberto de argila. Chega-se ao rio e prossegue-se por ele.

Esta gruta é bem mais recente do que a gruta Alambari de Baixo, apresentando exclusivamente a galeria ativa do rio e salões formados por desmoronamento, além de um longo túnel superior formado provavelmente por um afluente do rio Alambari, que agora flui para o mesmo por outra galeria.

A exploração pelo rio termina a 500 metros em linha reta da entrada, onde um grande desmoronamento obstrui a passagem.

Seu desenvolvimento total é de 1.577 m.

A média de temperatura é de: temperatura da água = 19,4°C, temperatura do ar = 20,6°C.

Entre as grutas Alambari de Cima e Alambari de Baixo o rio percorre 400 metros sobre o fundo da depressão.

**Abismo Gurutuva:** É o sumidouro do rio Gurutuva, que nasce no planalto Calcário, e desce no sentido do mergulho das camadas, que ali apresenta o valor de 70° com a horizontal, no rumo S.E.

O desnível explorado até o momento é 90 metros. (1974)

É provavelmente um dos principais formadores do rio Alambari.

**Abismo da Hipotenusa:** Uma grande fenda no Calcário, que dá início a um abismo de dimensões pequenas e declividade forte. Em 211 metros de desenvolvimento seu desnível é de 90 metros. Seu fim é uma galeria ativa com metade do volume de água do rio Alambari.

Exploramos esta galeria ativa por 1.000 metros.

Devemos salientar que o fato dessa caverna pertencer ao complexo do Rio Alambari é ainda uma hipótese, uma vez que a exploração não conseguiu por enquanto atingi-lo e também não procedemos a nenhuma coloração do rio interno para estudo de seu percurso e a localização de possível ressurgência.

---

## PÉROLAS 1971

Guy C. Collet — SBE —

Os mapas indicam várias dolinas imensas, bem como diversos sumidouros. Os córregos marcados não podem sair desta vasta depressão, orientada Nd/Sudoeste, como praticamente todos os vales desta região. Forçosamente as águas drenadas por esta baixada devem ter um escoamento. A superfície a ser considerada é grande. O rio deve ter uma certa importância em relação ao seu caminho subterrâneo. Não é preciso nada mais para decidirmos a organizar uma saída unicamente de exploração, digamos de prospecção, no local, a fim de verificarmos se isso realmente acontece.

O nosso mateiro (guia) conhece a região por ter feito picadões de levantamento geográfico e pesquisas de minérios, porém desconhece a existência de grutas, a não ser de um abismo já conhecido por nós (em nível bem mais alto): Tobias.

Tempo chuvoso, nuvens baixas: metereologia péssima quanto às previsões. Porém não vamos entrar. Só vamos verificar se há alguma coisa. Da nossa sede vamos de carro até uma certa altura. Lá, temos que descer e dividir o material coletivo e individual para a caminhada. Descemos ao longo de uma antiga estrada que servia, há dez anos, para retirar madeira da região. O traçado é ainda visível, porém árvores de até 20 cm de diâmetro já cresceram no meio. Após uma hora de caminho a pé, alargando a picada, contornamos francamente a noventa graus, desta vez abrindo nova picada a noroeste.

Após uma descida suave, atravessamos um taquaral que depois de meia hora nos deixa exaustos, porque cada passo é preciso cortar vinte ou trinta hastas desses bambus finos e espinhosos. Elas não se deixam cortar pelo facão e fogem por não fazer resistência ao corte! Temos que voltar, modificar ataque, bater mais rápido...

Passadas as cortinas de taquaras, vem o terreno pantanoso do fundo da colina. Aqui tudo é podre e as plantas encharcadas de água se cortam com facilidade, mas a cada passo cai todo um mundo de folhas, ramos e troncos mortos, evidentemente acompanhados de inúmeros insetos, como formigas, vindo juntar-se aos mosquitos que, incansáveis, nos acompanham.

A parte da manhã se passa toda a examinar os barrancos da citada dolina e notamos uma só brecha no calcário, passagem bem visível de água em tempos de enchentes. Porém, aventurar-se nesse corredor estreito e baixo, hoje, seria muita imprudência. Eram mais que 13h30 quando decidimos abrir o nosso lanche. A fome era bárbara, mas até àquela hora o córrego que descíamos não oferecia lugar apropriado para descansar. Finalmente nos livramos da água até à cintura. O barranco se eleva alto, fechando o fundo da dolina. Se não há passagem superior, teremos perdido o nosso tempo e cansado a todos.

A água é barrenta e devemos nos contentar com nossas reservas. Iniciado o lanche, um dos membros da equipe, um caçador local encontrado durante a caminhada, se oferece a ir ver mais alto, verificar se existe alguma entrada praticável. De qualquer maneira, era nossa intenção fazer uma prospecção lá. Cansados, comemos em silêncio, debaixo de uma garoa fina que recomeçara há pouco. De repente, no silêncio dessa floresta molhada, ouvimos de lá de cima a voz abafada do caçador gritando alguma coisa que a princípio não entendemos. — Tem uma entrada! as mochilas prontamente fechadas, galgamos, esquecendo o nosso cansaço, os cem metros de amontoamento de pedras enormes que nos separavam do nosso homem.

Como previsto, há uma entrada superior. E que entrada! Uma plataforma horizontal nos permite preparar as nossas lâmpadas de acetileno e alguns aproveitam para por camisas secas (pois todos estávamos completamente molhados desde cedo). Uma imensa cavidade se apresenta começando por um forte declive que descemos cautelosamente, visto o chão ser bastante instável. O salão vai-se ampliando e chegando na parte central, temos que enfrentar a escalada de um desabamento ciclópico. O fundo (a mais de 80 m da entrada), era bastante úmido e tinha não menos de 40 m de largura por 30 m de altura. A luz do dia era ainda visível, porém longínqua. Visto a hora tardia, anotamos um buraco lateral que deixava claramente a esperança de atingir o rio com dois rolos de escadas (20 m ao todo). Isto seria para mais tarde, para uma futura exploração.

Collet se prepara para tirar fotografias quando seu amigo Marinho o chama de maneira urgente, sem revelar o porquê. Deixando o tripé e a máquina, ele se dirige ao local imediatamente, a uns trinta metros de lá. Andando com cuidado e observando o solo, Collet depara com dois lugares de deixar qualquer espeleólogo desmaiado de emoção. Estão lá, reluzentes, bem acomodadas em suas covinhas, centenas de pérolas das cavernas de tamanho inédito. Porém Marinho está de novo chamando. Só apanha as mais redondas e maiores e logo apressa a subida.

Ao se juntar a Marinho, o motivo da chamada era exatamente o que acabava de ver. Ele mostrava, com olhos dilatados, a exuberância de umas poucas pérolas de 15 a 20 milímetros de diâmetro. Collet examina friamente o achado e desprezando-o, diz que tem maiores, porém sem comentários. As feições do companheiro se alteram, não entendendo essa indiferença diante desse tesouro raro do reino mineral. Collet logo mostra as suas, três vezes maiores, perfeitas quanto à esfericidade, de um polido praticamente inacreditável. Minutos de silêncio, de admiração, de estupefação. Voltamos quase correndo ao local dos fenômenos e ajoelhados na água, observamos o recanto para poder fazer um estudo sobre a formação e o desenvolvimento dessas concreções de forma esférica tão perfeita.

A volta é decidida e o grupo enfrenta de novo um mato hostil e encharcado. À noite em nossa sede, a conversa é animada, já se fazendo planos para a volta. As esperanças são grandes: esse salão de entrada é gigantesco e contém curiosidades provavelmente de ordem mundial, o rio subterrâneo que passa por baixo deixa prever uma importante caverna.

Tudo isso motiva a nossa decisão de voltar com um grupo reforçado, na data de 27-3-71, quando poderemos gozar de 3 dias seguidos.

## 2.ª EXPEDIÇÃO

Como previsto, uma turma animada se juntou para fazero levantamento topográfico e colher mais dados sobre essa já faladíssima gruta (no grupo espeleológico, claro). O tempo desta vez colabora conosco. Somos 4 de São Paulo: Collet, Marinho, Phillippe e Vidal. Deploramos a ausência de Pierre Martin, que se acha na Europa.

O caminho escolhido desta vez é bem mais suave, porque localizando aproximativamente a entrada da gruta em nossos mapas, escolhemos um itinerário evitando as ravinas e barrancos penosos. Decidimos rapidamente que, para não perdermos tempo desta vez, acamparemos dentro da gruta. Entramos e descemos até perto das pérolas, lá tem água.

Nesse primeiro dia fizemos juntos 850 m de exploração, iniciando às 14 horas e voltando tarde. Dormimos na gruta.

**2.º dia.** Enquanto um grupo faz o levantamento topográfico, outro faz a exploração de um outro salão e fotografias coloridas. No acampamento subterrâneo à noite, é apurado que fizemos aproximadamente 1.040 m de levantamento. Porém, um desmoronamento relativamente difícil fechou a galeria e foi desse ponto extremo que a topografia foi feita. O tempo corre e impede de se fazerem mais anotações como bioespeleologia, nada tampouco de meteorologia. Teremos que voltar. O tempo lá fora deve ser bom: O nível das águas é estável e as águas claras. Resta ainda a explorar mais a fundo esse amontoamento de rochas que impede a progressão.

**3.º dia.** Após uma noite de descanso bem merecido, o grupo reúne o material coletivo, limpa tudo, mas tudo está bastante molhado, porque é difícil achar lugar onde não pingue água do teto. Subimos para achar, lá em cima, a luz do dia.

O cansaço é grande, o material pesa nas mochilas, mas a alegria e a satisfação está dentro de nossos peitos. Uma bela descoberta e as pérolas achadas vão ser motivos de comunicação a outros grupos Espeleológicos sul-americanos, bem como aos europeus.

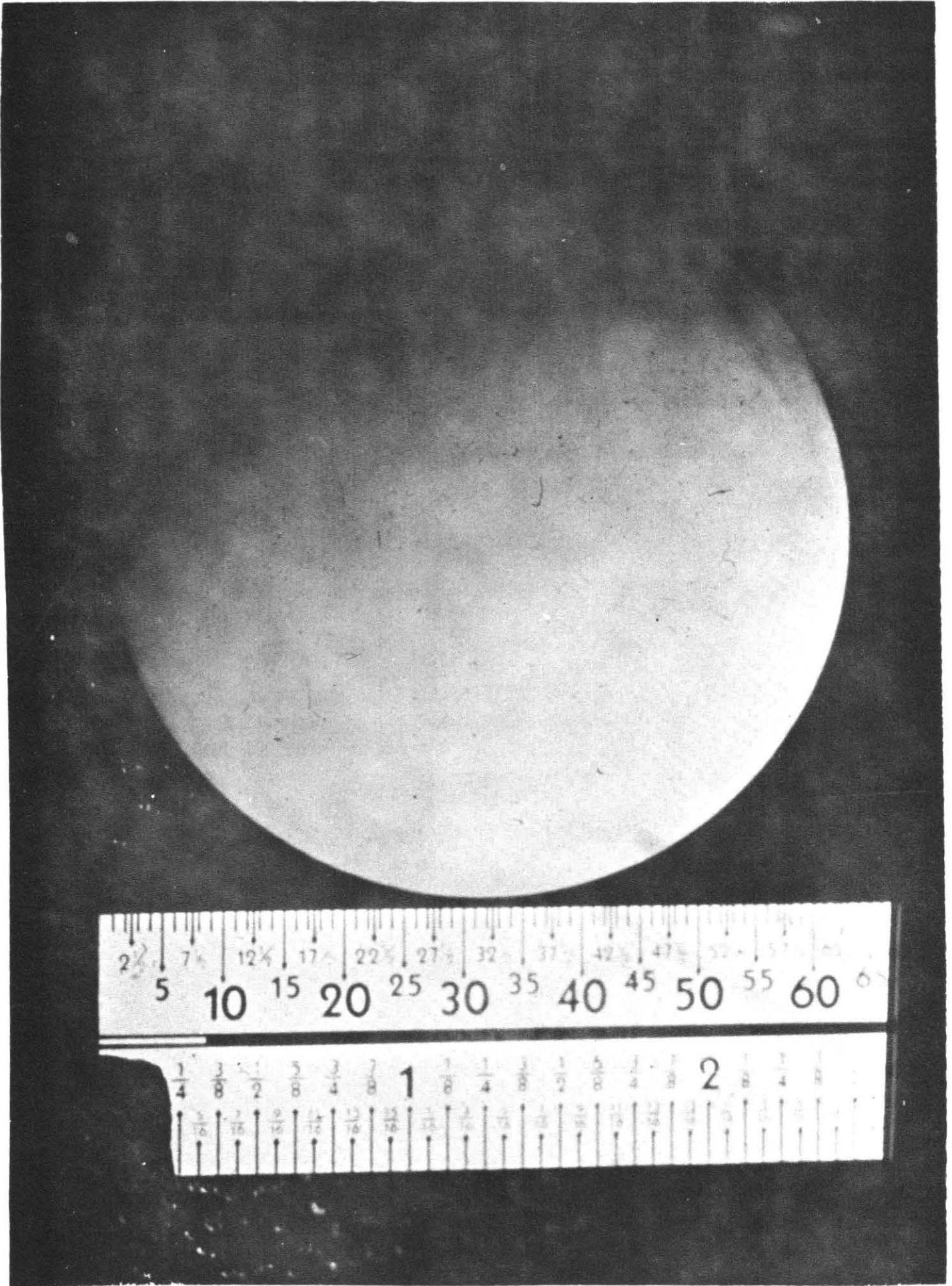


Foto: Guy C. Collet

Pérola Gigante da Gruta das Pérolas — S. P.